OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976-0402
Número avulso (33)
2 de Junho de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

AS METAMORFOSES DE NUNO GONÇALVES – 5

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Resumo Onde se enuncia o intuito político-pedagógico de dois zoomorfismos nos Painéis de Nuno Gonçalves.

Palavras-chave Nuno Gonçalves, Painéis da Adoração de S. Vicente/Infante Santo; D. João I; Dinastia de Avis; Benozzo Gozzoli; Basílica de Mafra.

Online academia.edu archive.org blogspot.com youtube.com

Disponibilização Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY-SA 4.0)

No processo de análise dos engenhos visuais gizados por Nuno Gonçalves, deverá ser notado o modo como, no painel dito "do Infante", o primaveril e luminoso príncipe é insinuado enquanto eixo do políptico.

Políptico de Nuno Gonçalves, MNAA [wikimedia.org].
Assinalado o príncipe no painel dito "do Infante".

Alegorizando a desejada perpetuação dinástica, esse personagem é também, ele mesmo, um "espelho de príncipes" – um modelo idealizado que resume as qualidades essenciais que devem possuir os sucessivos herdeiros ao trono.

Exemplo comparativo[1]

Benozzo Gozzoli, *Procissão dos Magos*, c.1462, Capela do Palácio Médici, dets.
Mago jovem [wikimedia.org]; Mago adulto [wikimedia.org/YairHaklai]; Mago idoso [wikimedia.org].
O mais novo dos Magos alegoriza Lourenço, mas sobretudo todos os futuros herdeiros da Casa Médici, que deverão seguir os bons exemplos dos mais velhos: porte nobre e humildade espiritual (razão do burro montado pelo Mago idoso).

≈

Políptico de Nuno Gonçalves, det. do painel dito "do Infante", MNAA [wikimedia.org/Google Arts & Culture].
Palavra/Verbo ≈ corpo transubstanciado ≈ Natividade e Reis Magos.

1 Sobre o príncipe idealizado na capela do Palácio Médici, cf. *Octógono* n.13 / Março de 2025 – "Os espelhos de Nuno Álvares Pereira", p.2 [academia.edu | archive.org], coligido em *Segundo Octógono*, pp.107-126 [academia.edu | archive.org].

Assim, é uma virtude a própria capacidade de aprender com os exemplos dos predecessores, respeitando-lhes a memória e honrando-lhes o exemplo.

Num exercício cénico criado por Nuno Gonçalves, o jovem e angélico príncipe acompanha e escolta a figura de chapeirão que, num burro-cavalo[2], faz a sua entrada cristológica na metade dextra e paradisíaca do políptico (≈ entrada da Cristo em Jerusalém ≈ Jerusalém Celeste)[3].

Políptico de Nuno Gonçalves, det. do painel dito "do Infante", MNAA [wikimedia.org/Google Arts & Culture]. Marcado o contorno da cavalgadura, para cuja simulação é aproveitado o posicionamento do monarca ajoelhado em primeiro plano. O livro sobreposto simboliza o triunfo da espiritualidade sobre a besta, sendo que mesmo esta, domesticada, é "recebida" de modo afável, estabelecendo um contraste com o painel simétrico do lado oposto (dito "do Arcebispo").

Benozzo Gozzoli, *Procissão dos Magos*, Capela do Palácio Médici, det. do Mago idoso prestes a passar o "ribeiro" (as pinturas estão dispostas em ∩ nas paredes da capela, pelo que esta figura idosa encontra-se à dextra do altar-mor) [wikimedia.org].

2 Relativamente a estas fusões de animais, v. *Octógono* n.25 / Março de 2026 – "The lamb/calf of Frei Carlos and other metamorphoses" [academia.edu | archive.org]; acerca da natureza compósita do personagem de chapeirão, cf. *O mecanismo dos Painéis de Avis*, p.2, 2012 [academia.edu], coligido em *Separata 2*, pp.47-73, 2013; e em *Arte e Novidade em Portugal. Estudos 2002-2016*, pp.19-33 [archive.org].

3 Cf. *Octógono* n. avulso (32) / 28 de Abril de 2026 – "As metamorfoses de Nuno Gonçalves – 4" [academia.edu | archive.org]; sobre a transformação cénica de uma figura régia num pagem ou escudeiro, v. o exercício óptico no portal poente dos Jerónimos (*Octógono* n.14 / Abril de 2025 – "Os engenhosos Magos de Chanterene", pp.15-18 [academia.edu | archive.org], coligido em *Segundo Octógono*, pp.127-145 [academia.edu | archive.org]).

Estes engenhos figurativos eram comuns por toda a Europa, visando despertar e desenvolver a capacidade de esperar o inesperado e de ver para além do óbvio e do aparente (≈ coruja da sábia deusa Atena), tratando-se de aptidões particularmente úteis para quem governa[4].

Esta questão assumia ainda mais importância no Portugal do século XV e no contexto da consolidação dos Avis, levando por exemplo D. Duarte e o irmão D. Pedro a produzirem guias doutrinários (*Leal Conselheiro* e *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, respectivamente).

Deve-se todavia aqui integrar, sem reservas, escritos por tradição classificados como essencialmente técnicos, mas que são por direito próprio verdadeiros tratados de boa governação, em concreto o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella*, de D. Duarte (dominar o cavalo ≈ gerir a vida política)[5], bem como o *Livro da Montaria* pelo patriarca D. João I (liderar o vasto e complexo grupo de caça ≈ comandar uma campanha militar).

Este monarca inclusivamente nem disfarça o intuito metafórico, pois logo a abrir o primeiro capítulo lembra como já os antigos enunciavam os dois deveres de quem governa: "saber reger e defender" o seu estado[6].

Na grande composição de Nuno Gonçalves, estas duas incumbências estão bem expressas nos polissémicos painéis centrais (ditos "do Infante" e "do Arcebispo"), sendo que, no sinistro[7], o santo segura uma cabeça de porco montês[8].

Políptico de Nuno Gonçalves, det. do painel dito "do Arcebispo", MNAA [wikimedia.org/Google Arts & Culture]. Neste painel, a figura santa guarda um livro fechado que, por sua vez, forma a cabeça (decepada) de um porco, em contraste com o panorama do painel de acesso paradisíaco.

4 Úteis para a formação intelectual de governantes, tais exercícios convinham também àqueles destinados ao clero, tendo as obras de arte uma elevada densidade teológica em camadas interpretativas próprias.

5 Sobre o modo mais abrangente de considerar este livro equestre, v. *Octógono* n.13 / Março de 2025 – "Os espelhos de Nuno Álvares Pereira", p.2 [academia.edu | archive.org], coligido em *Segundo Octógono*, pp.107-126 [academia.edu | archive.org]; e Fernando MAURÉS, "As ensinanças do livro do cavalgar" [2001].

6 Na crise de 1383-85 o Mestre de Avis assumia o título de Regedor e Defensor do Reino, o que na prática equivalia a uma proto-coroa.

7 Sublinhe-se que os artistas da época geralmentre organizavam o simbolismo das composições na perspectiva das próprias obras.

8 Cf. *Octógono* n. avulso (32) / 28 de Abril de 2026 – "As metamorfoses de Nuno Gonçalves – 4", p.2 [academia.edu | archive.org]. Note-se que existem outros aspectos a considerar a este respeito, a tratar em futuro contributo.

Esta perigosa "animalia bruta" é o alvo principal no livro de D. João I, pois além de representar o mal e o diabo (caçadores monteiros ≈ cruzados), "segundo a tradição, o porco montês simboliza o homem teimoso e obstinado, que não atende a nenhumas razões", conforme referido no anexo preambular à edição de 1918 (p.XLVII).

Tal conotação interessará para compreender a densidade narrativa dos painéis centrais, já que as respectivas figuras adultas ajoelhadas em primeiro plano (encaradas pelo santo duplicado) fazem um jogo de opostos, em que a teimosia agora implorante e temerosa (painel sinistro) tem a sua contraparte na sabedoria confiante e serena de quem tem a humildade de continuar a aprender.

Aqui por sua vez, no painel dito "do Infante", o livro aberto tem por base o capítulo 14 do Evangelho de João, onde se exalta a autoridade paterna (Deus Pai), ao ponto de na pintura se ter acrescentado a palavra *mandare*[9].

Não obstante, além da imediata leitura religiosa, a dita passagem de João poderá ser interpretada como uma declaração de lealdade para com o ensinamento do homónimo patriarca (≈ pai eterno; Mestre de/dos Avis), a ecoar de geração em geração.

Essa mensagem funda-se no respeito e total obediência à figura paterna-régia (e.g. capítulo CXLVIII e sobretudo CXLIX da crónica joanina de Fernão Lopes).

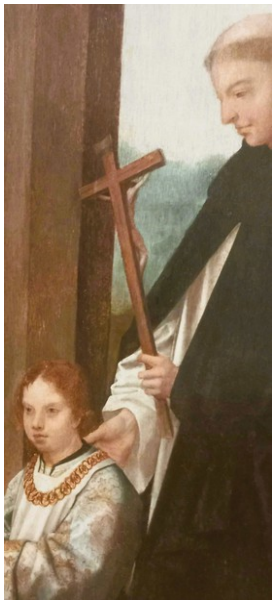
Resumindo, mesmo os familiares próximos deveriam acatar sem reservas ou desafios aquela que fosse a palavra final do rei (chefe-de-família ≈ pai), o qual por sua vez tudo fará para manter intacta a sua autoridade, evitando que se instale a anarquia e qualquer tipo de guerra civil[10].

Políptico de Nuno Gonçalves, dets. dos painéis ditos "do Infante" e "do Arcebispo", MNAA [wikimedia.org].
Seguindo a directriz (a) do patriarca-fundador, o soberano actual (b) prevalece sempre sobre o infante (c), mesmo que mais velho (exemplo de Alfarrobeira). Trata-se de uma lição que o príncipe herdeiro (d) deve aprender e recordar.

9 Leituras de Pedro de Azevedo e de António Leite, cit. em José dos Santos CARVALHO, *Iconografia e Simbólica do Políptico de S. Vicente de Fora*, Lisboa, 1965, pp.244-245; o reparo quanto à palavra *mandare* é devido a José Saraiva no seu clássico (p.151).

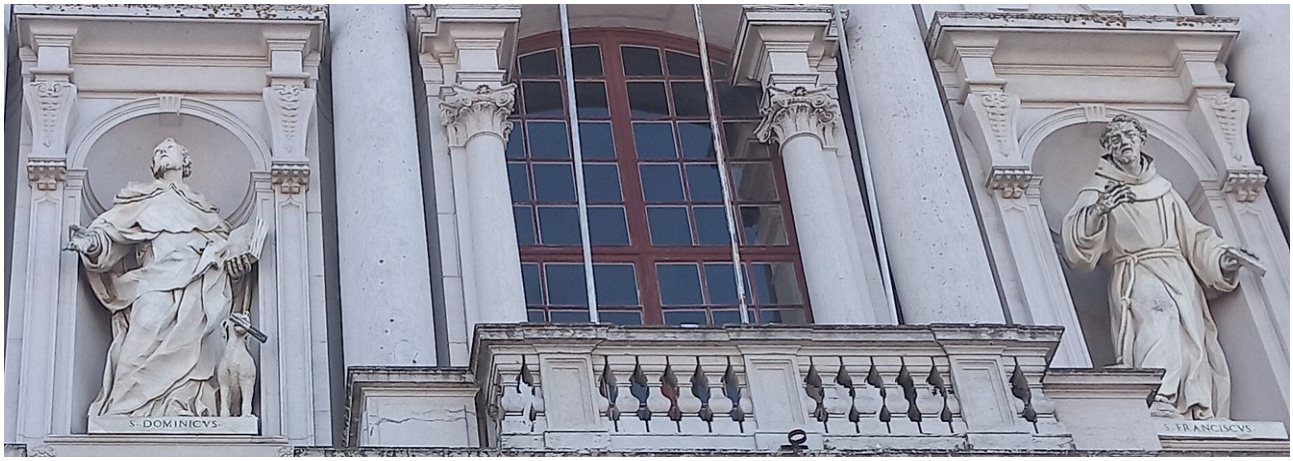
10 Na relação entre as duas figuras ajoelhadas que se espelham em cada tábua, será possível deduzir uma referência alegórica ao episódio incontornável e traumático de Alfarrobeira, inferindo-se também o reabilitador perdão póstumo à memória do infante e antigo regente D. Pedro de Coimbra (*regente* transitório a abrir a metade temporal e secular do políptico, ao passo que o *rei* vitalício abre a metade perpétua e divina da composição).

A mesma retórica será utilizada por D. Manuel aquando da sua refundação da mesma dinastia, como se observa no tecto da Sala dos Brasões (Paço de Sintra), ou em pinturas onde lembra aos filhos o papel de cada um e o dever de lealdade.



Mesmo que fragmentário (faltarão outras tábuas), neste *Retábulo do Mosteiro de Almeirim* – MNAA, [PMO] – é visível como o herdeiro real de D. Manuel se encontra à dextra com um livro aberto, enquanto o irmão, à sinistra, está sob a vigilância de um crucifixo virado como se tratasse de uma palmatória (que corresponde simultaneamente à vara/cana e ao livro fechado no painel gonçalvino dito "do Arcebispo", sendo possível uma inspiração directa).

Exemplo comparativo



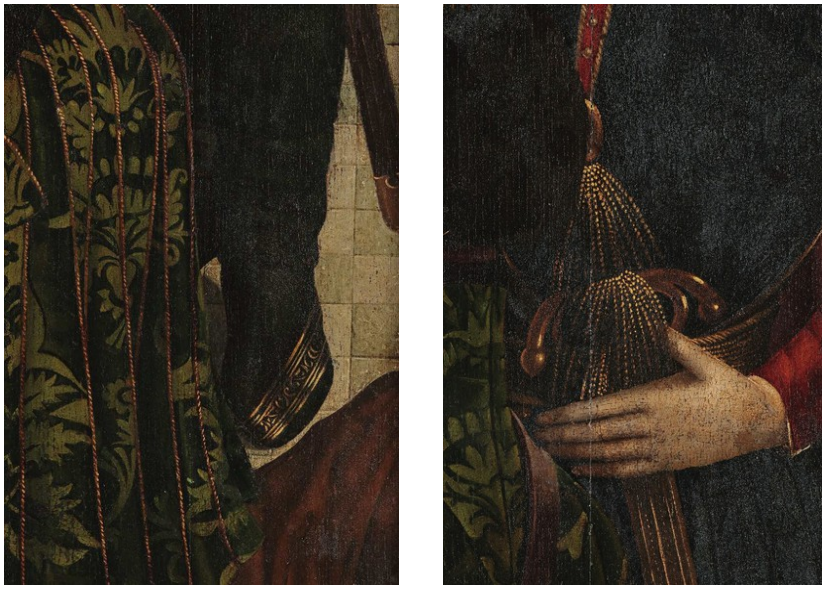
Fachada da Basílica de Mafra, séc. XVIII [PMO], com a estátua do "Fidelíssimo" S. Domingos a alegorizar o eterno e iluminado D. João V, enquanto a representação do secular e contrito S. Francisco satiriza o sempre ambicioso e rival infante homónimo D. Francisco (desfazendo quaisquer equívocos quanto à natureza franciscana do templo monumental).

Ou seja, embora a boa educação fosse um requisito para todas as elites, era-o ainda mais para os membros de uma família que, no século XV, se procurava enraizar enquanto dinastia governante, no seio da qual aquele destinado a herdar o trono deveria, atento e perspicaz, aprender com o exemplo dos predecessores a ser determinado ou mesmo implacável no exercício do poder.

Exemplo comparativo[11]

Benozzo Gozzoli, *Procissão dos Magos*, Capela do Palácio Médici, det. do Mago jovem [wikimedia.org].
A figuração posterior lembra ao herdeiro que ele deveria ser sempre o caçador, e nunca a presa.

Enfim, sagaz, disciplinado e marcial, todo o herdeiro dos Avis deveria ter inclusivamente as botas "ferradas" e saber dar "coices" nos adversários, a todos controlando no seu reino, como se fosse um hábil bonequeiro ou marionetista da vida política.



Políptico de Nuno Gonçalves, dets. do painel dito "do Infante", MNAA [wikimedia.org/Google Arts & Culture].
Como se fizesse parte da perna traseira da montada do "Infante", a bota do príncipe sugere uma ferradura (um dos significados desta complexa faixa dourada).
Também de modo lúdico, na espada é insinuado um boneco-cavaleiro, a quem o soberano pode acolher (≈ virtuosas benfeitorias).

11 Considerando que D. João (II) passara algum tempo da juventude na corte florentina dos Médici, (cf. Carlo VECCE, *Leonardo da Vinci*, ed. Verbo, Lisbos, 2005, p.55), talvez Nuno Gonçalves o tenha acompanhado, adaptando daí alguma inspitação para o seu políptico, sendo que o príncipe luminoso nos Painéis alegoriza o "herdeiro" (actual e futuros), eventualmente considerando já D. Afonso (e respectiva descendência que se esperava viesse a ter).